

Nhesu Ha

Nhesu, tendotá Guarani, oñorãiróva pe i hente, hekó ha ijyvy rehe hápe, petei tenondeté ojokó vaekue pytã kuera pe pe ymã XVII Sa pe, ko ágã pea Ojapova kuera rendá - RS

TONY HOFFMANN



O Nheçuano

Nheçu, líder indígena Guarani, defensor de seu povo, sua cultura e sua terra, pioneiro na resistência aos conquistadores, no século XVII, na atual região das Missões, RS.

ANO 9 - NÚMERO 42 - ROQUE GONZALES, RS - AGOSTO/SETEMBRO 2019

ANDERSON BRAGA HORTA | ANTÔNIO SALVADO | BATISTA DE LIMA | DÉCIO ADAMS | DÉRCIO BRAÚNA,
EDUARDO LUZ | HUGO PONTES | INÊS HOFFMANN | JOSÉ RIBAMAR GARCIA | JULIO RIBAS
MANOEL HYGINO | NELSON HOFFMANN | PEDRO DU BOIS | RAUL ELLWANGER | RENATO JACOB SCHORR
ROGÉRIO SALGADO | RUY NEDEL | SANDRA MARA DE QUEIROZ | SÂNZIO DE AZEVEDO | TEOBALDO BRANCO

Maravilhoso **O Nheçuano**, edição 41. Li todos os textos desse e dos números anteriores. A respeito do jornal, concordo plenamente com o que escreveu Décio Adams em "O Nheçuano, ed. 40, ano IX". Para não ser egoísta, passei **O Nheçuano** a alguns de meus amigos... Todos ficaram surpresos com a qualidade do jornal e da produção literária dessa pequena cidade, localizada na fronteira do Brasil com a Argentina. Esse, que deveria ser um fato comum em nosso país, parece que, infelizmente, vai se tornando cada vez mais uma exceção.

Claudino Piletti

Escritor

claudinopiletti@hotmail.com

Ibiúna - SP

A preservação da história - Museu Rondon

Os cantares do Canto Missioneiro, seduzidos por melodias maravilhosas, ainda nos encantam e permitem sonhar com novos amanhãs, novos refloresceres, sóis fartos de luz, infinitos bordoneados de altivez, outonos comoventes, invernos aconchegantes, primaveras faiscantes, verões escancarados, crianças pirracentas, jovens ávidos por conhecimentos, aprimoramentos culturais, científicos e por trabalho digno, adultos laboriosos do bem, pré-veteranos audaciosos e produtivos - ímãs exemplares para as futuras gerações - e pós-veteranos, rechonchudos de saúde, bailando nos ranchitos de pau a pique e nos nobres e badalados salões das cortes.

A história da humanidade cantada no Canto Missioneiro reaviva e reascende o passado, lançando-o no palco do Canto e da vida, convidando o povo para um bailando no tempo, batendo o tição da memória e o baú das lembranças, reacendendo nas gerações do passado a sua meninice e despertando nos jovens um olhar reflexivo sobre palavras, labuta, atividades, sentimentos, normas, vida social e o tecido social, maravilhosamente explorado no Canto!

Pois bem, Santo Ângelo foi brindada com um acervo riquíssimo, extraordinariamente riquíssimo! Ocorre que a vinda (transferido do Rio de Janeiro) do 1º Batalhão de Comunicações do Exército Brasileiro em 1992, trouxe consigo verdadeiras relíquias, dentre elas, o acervo pertencente ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o Patrono das Comunicações do Exército e civis.

Nos escaninhos da história encontramos verdadeiras pérolas, basta buscá-las. No caso Rondon, órfão de pai - antes mesmo do nascimento - e da mãe aos dois anos, foi criado por parentes, ingressa na escola militar aos 16 anos, permanecendo na atividade por 55 anos. Faleceu aos 92 anos de idade. Este cidadão sempre esteve ligado às causas sociais. Sim, às causas sociais! Em especial, através do seu profissionalismo, durante toda vida dedicou-se na ligação dos pontos mais afastados da fronteira e sertão aos principais centros urbanos.

Na questão indigenista, da qual muitos contemporâneos postulam a paternidade, Rondon - que esteve presente e foi partícipe da Proclamação da República - atuou e interagiu na sua integração! Aliás, ainda que usasse arma, possuía um lema de vida, jamais maculado: Morrer se preciso for, matar jamais! O acervo Rondon merece maior importância dos responsáveis pela área. Perdê-lo, mal comparando, representa a extinção da faculdade de História nas Missões! Ignorá-lo, pode significar a perda definitiva. Contudo, deve haver alguém que possa fazer o adequado!

Renato Jacob Schorr

Escritor, Presidente da Associação Cultural Nheçuanos

renatinhoadv@yahoo.com.br

Santo Ângelo - RS

O Nheçuano

Número 42 - Agosto/Setembro 2019

Editor, Redator e Diagramador: **Marco Marques** Assistente de Redação: **Marcela Santos**
Jornalista colaboradora: **Andrea F. Reisdörfer** Foto de Capa: **Tony Hoffmann**

COLABORADORES:

ANDERSON BRAGA HORTA, ANTÔNIO SALVADO, BATISTA DE LIMA, DÉCIO ADAMS, DÉRCIO BRAUNA, EDUARDO LUZ, HUGO PONTES, INÉS HOFFMANN, JOSÉ RIBAMAR GARCIA, JULIO RIBAS, MANOEL HYGINO, NELSON HOFFMANN, PEDRO DU BOIS, RAUL ELLWANGER, RENATO JACOB SCHORR, ROGÉRIO SALGADO, RUY NEDEL, SANDRA MARA PEREIRA DE QUEIROZ, SÂNZIO DE AZEVEDO, TEOBALDO BRANCO.

OS TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES
E NÃO REPRODUZEM NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DO JORNAL

Rua Independência, 841- sala 01 - centro - 97.970-000 - Roque Gonzales - RS - nhecuanos@yahoo.com.br

Índios e aborígenes na ONU!

Chegaram às minhas mãos dois exemplares da edição número 39, correspondente aos meses novembro/dezembro de 2018, do jornal literário **O Nheçuano**, editado em Roque Gonzales, RS, localizada a algo em torno de 20 km do local em que eu nasci, Salvador das Missões. Um de seus líderes e idealizadores é o amigo Nelson Hoffmann. Nelson é escritor, crítico literário e um ferrenho defensor das tradições da região missioneira, onde tive a graça de nascer. São 12 páginas, repletas de ótimas informações, crônicas abordando diversos assuntos, sendo o principal a publicação de livros, que lhes são enviados de praticamente todo território nacional. É possível encontrar resenhas ou comentários sobre obras de Adrião Neto, lá do Piauí, Enéas Athanázio, de SC, e muitos outros locais.

Mas quero ater-me a um assunto em especial. O tema indígena permeia praticamente todo o jornal, do começo ao fim, mas sempre encontramos artigos, crônicas de impacto mais contundente. Nesta qualificação está uma crônica da lavra do conterrâneo (nasceu em Salvador das Missões), Ruy Nedel, bem como uma outra abordando o tema Cultura Guarani, de Julio Ribas.

Quero parabenizar Ruy Nedel pela iniciativa de, em 1981, lançar a ideia de uma campanha, por meio dos CTGs, pela inclusão de uma representação dos povos indígenas, nas Assembleias Gerais da ONU. Também lembrou dos Aborígenes, povos nativos da Austrália, aos quais foi dado fim semelhante ao que se fez nas terras do imenso continente americano, de norte a sul. Obteve aprovação de sua moção, que foi apresentada pelo promotor Belaguarda de Menezes. Houve aplausos retumbantes, falas grandiloquentes e o filho do promotor, que nasceu algum tempo depois, recebeu o nome Nheçu, em homenagem ao Cacique de mesmo nome. Infelizmente, ficou apenas nisso. No texto de Ruy pude sentir um sentimento de frustração pelo fato de que nada mais foi feito. Inclusive por ocasião da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, da qual foi membro, não teve força para inserir no texto constitucional maiores benefícios do que lá constam. Hoje vemos até estes sendo relegados a plano secundário, quando não ignorados totalmente, em detrimento das populações nativas que ainda sobrevivem.

Estou plenamente de acordo com essa inclusão. Se pequenos grupos étnicos da Ásia e outros continentes tem assento nessas assembleias, por que razão os remanescentes de uma população tão numerosa quanto foi a dos indígenas, bem como dos aborígenes são privados de tal direito? Sou franco em lhe dizer, amigo Ruy, aplaudo sua iniciativa e lamento não ter tido oportunidade anteriormente de me solidarizar com ela. Temos o dever de aglutinar o maior número de apoiadores, fazer abaixo-assinados, talvez mesmo manifestações, enviar solicitações para que esse assunto venha a fazer parte da pauta, pelo menos no futuro, desse organismo. Se o objetivo de sua criação foi promover maior harmonia entre os povos, após o término da Segunda Guerra, quer me parecer que ainda resta um longo caminho a trilhar para atingir uma grande parte de seus objetivos iniciais.

Infelizmente sofremos com a atuação de algumas nações, tidas como mais importantes (não sei por que), com o direito ao veto. Isso submete as demais literalmente à vontade dos mandatários de plantão em cada momento. Vemos seguidamente as resoluções sendo desrespeitadas, ignoradas como se fossem meros latidos de guaipecas, à margem do caminho.

As duas crônicas que citei se complementam, se continuam. Julio Ribas indaga sobre o que será feito de verdade em prol dos indígenas nos próximos anos. Ao longo de décadas acompanhamos sucessivas violações dos direitos dos povos nativos, seja por invasões, assassinato de lideranças, acordos fraudulentos entre os empresários e alguns caciques. Os primeiros movidos pela ganância, a ânsia do ter cada vez mais e os segundos, seduzidos por algumas benesses, que lhes parecem o próprio paraíso. Uma vez aberta a porta, a invasão e exploração é inevitável. As riquezas que deveriam beneficiar a todas as pessoas dos povos nativos, acabam nas mãos de caciques corruptos (até aí chega a corrupção), ficando os demais ao abandono, quando não relegados ao descaramento total e completo. Isso faz decrescer as populações nativas, ano após ano. Já se tem notícias de diversas ocorrências graves de violação dos direitos dos nativos, inclusive morte de crianças inocentes.

(CONCLUI NA PRÓXIMA EDIÇÃO)

Décio Adams

Professor, Escritor

decioa@gmail.com

Curitiba - PR

Depois de percorridos 1.750 quilômetros, deixamos (eu e o incansável André Gonçalves) a BR 285-RS que termina em São Borja. Entramos no trevo de acesso à Entre Ijuís e cortamos parte da cidade, vagarosamente, por causa das lombadas e dos sinais. Cruzamos a ponte de concreto sobre o rio Ijuí, e passamos por fora de Santo Ângelo. Finalmente, a BR 392, que nos levou a Cerro Largo, outrora Serro Azul, onde nos aguardava o escritor Ruy Nedel com uma programação definida. Ali nos fixamos, no Hotel Missões, do senhor Plínio Sebastiani. Ruy Nedel é um homem plural escritor profícuo, médico, sociólogo e ex-deputado federal constituinte. Mas, sobretudo, um humanista e de uma simplicidade e franqueza escancaradas.

Cerro Largo fica no miolo da região missioneira. Cidade próspera, de gente empreendedora, hospitaleira, com raízes na imigração alemã. Aliás, hospitalidade é a marca registrada do povo dessa região.

As Missões têm duas fases, como explicou, didática e objetivamente, o escritor Nelson Hoffmann. A primeira vai de 1626 a 1641, quando houve a famosa Batalha de M'Bororé. A segunda, de 1682 a 1767, com a expulsão dos jesuítas.

Começamos pela primeira. As ruínas da Redução de São Nicolau, fundada em maio de 1626, pelo padre Roque Gonzales de Santa Cruz. Foi por onde tudo começou em solo brasileiro, inclusive o próprio estado do Rio Grande do Sul. Essa Redução deu origem à cidade de São Nicolau. Dela há vestígios da adega subterrânea, do aqueduto que irrigava as hortas, a roça e o que restou da igreja. Nesta, surgiu um fenômeno natural interessante. Por trás da parede superior há uma

Região das Missões

(Para os amigos Nelson Hoffmann, Inês Hoffmann e Ruy Nedel)

velha figueira, cujas raízes cresceram, engrossaram e formaram por dentro dessa parede um círculo de quase dois metros de diâmetro que lhe dá sustentação. E pelo lado de fora um dos galhos escora sua parte alta. Assim, essa peça vai resistindo as intempéries.

Depois da Redução de São Nicolau, o incansável padre Roque Gonzales ergueu a Redução de Assunção do Ijuí, em 1628, a qual deixou aos cuidados do padre espanhol João de Castilho. Enquanto, acompanhado pelo padre Afonso Rodrigues, foi fundar a de Todos os Santos, em Caaró, no município de Caibaté. Quando uma Redução atingia a população de cinco mil índios, os jesuítas criavam outra a uma distância aproximada de trinta quilômetros. Essa de Assunção do Ijuí distava dezoito quilômetros da cidade que viria ser a sede do município - Roque Gonzales. Nome dado em sua homenagem.

Padre Roque Gonzales de Santa Cruz nasceu no Paraguai. Desde menino lidava com os índios. Conhecia seu viver. Falava sua língua. Ao se ordenar dedicou-se inteiramente à catequese. Era um homem preparado, puro, de boa fé e bem intencionado. Acreditava que podia civilizar os índios e lhes salvar a alma. Este foi o sentido de sua vida. Antes de fundar a Redução de São Nicolau, já havia fundado outras na Argentina e no Paraguai.

Mas, na senda de Roque Gonzales havia Nheçu - o cacique e xamã que governava os guaranis. Ou, na de

Nheçu havia os jesuítas. Estes, nunca lhe foram benquistos, principalmente depois de ingressados nas suas terras. Terras que se estendiam até os arredores do Cerro Inhacurutum, em cuja base situava seu reduto. Do pico desse Cerro, Nheçu controlava, através de um bombeador (vigia), revezado em turnos, a presença de qualquer homem branco que adentrasse seu território. E a Redução de Assunção do Ijuí ficava dentro desse limite.

A invasão indignou Nheçu. E o revoltou ao saber que os invasores estavam intrometendo-se na vida do seu povo. Ao lhe Impingir novos conceitos religiosos e transformando seus hábitos, costumes, comportamento, sobretudo violando a liberdade. E liberdade era o bem maior dos guaranis. A razão da própria existência. Aquela liberdade de viver livre, solto, sem vestes, andar descompromissadamente pelos campos, matas, pescando, caçando, cuidando das plantações e amando. De amar sem medo de censura, reprimenda ou de pecado, porque o que fazia no amor não era proibido pelo seu deus. E Nheçu, como líder e responsável por esse povo, sentiu-se no dever de não permitir tamanha intromissão, sob pena de perder o respeito e a autoridade. Não só dos seus comandados imediatos como da comunidade em geral. Portanto, tinha que tomar uma decisão. E esta foi tomada após uma reunião com seus subordinados. A solução foi matar aqueles padres. E começaram pelas execuções de Roque Gonzales e Afonso Rodrigues, em

Caaró. Dois dias depois trucidaram o padre João de Castilho, em Assunção do Ijuí. Mas, Nheçu não imaginava a reação que essas mortes causariam.

A reação veio rápida. E tão desproporcional quanto o próprio assassinato dos padres, conforme descrição feita por Nelson Hoffmann, no seu livro **Terra de Nheçu** (p.110/111, 4ª edição, EDIURI, Santo Ângelo-RS, 2013):

... Pela morte dos três padres jesuítas, mais de duzentos índios de Nheçu pagaram com a vida. Os doze índios que mais diretamente participaram da eliminação dos padres foram condenados à morte por enforcamento. Nheçu, derrotado e só, mas conhecedor das brenhas e trilhas da região, alcançou o rio Uruguai e sumiu...

A Terra de Nheçu foi arrasada: os galpões incendiados, as roças e sementeiras destruídas. Uns poucos índios sobreviventes ou fugiram para outras bandas ou aderiram aos padres, em outras reduções. Nada sobrou e tudo virou Terra de Ninguém.

Os padres viraram mártires. Foram canonizados. Os locais das mortes, transformados em santuários. Pontos de romarias e de turistas curiosos.

Enquanto o cacique Nheçu passou para a História oficial como um bandido sanguinário, selvagem boçal e outros termos similares. No entanto, o que aconteceu foi uma tragédia. Uma tragédia que o próprio padre Roque Gonzales supunha. Só não imaginava quando.

José Ribamar Garcia

Escritor

Relato de sua visita às Missões
jrg@jrgadvogados.com.br

Rio de Janeiro - RJ

Caro Nelson,

Companheira é uma proeza! Trata-se de uma proeza, seja tomado como uma delimitação, seja como uma distensão. No primeiro caso, dialoga com o Emanuel Swedenborg de **O céu e o inferno**, com vantagens sobre ele: a seleção do significativo, a ausência do viés francamente místico-espiritualista e a linguagem milagrosamente simples e direta. Seu protagonista, Nelson, não precisou conversar com os anjos, como fez Swedenborg; ele viveu, sem intermediários, a experiência de morrer, negando-se à auto-piedade. Nessa interface que encontro com **O céu e o inferno**, você teria procedido a uma emulação extraordinariamente bem-sucedida.

Exemplifico:

Os que estão no céu sentem, isto é, veem e ouvem de um modo muito mais apurado (...) Pois veem pela luz do céu, que excede em muitos graus a luz do mundo.

E, no **Companheira**:

De entre a treva total, aos poucos, de bem longe, uma pequena luminosidade foi surgindo. Devagar, aproximava-se. Crescia e achegava-se. Era uma grande bola de

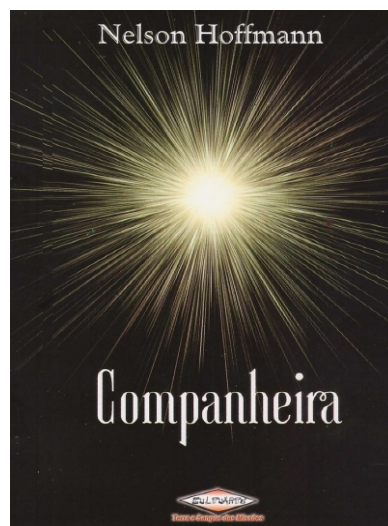
Carta Aberta

Eduardo Luz

Escritor

eduardocluz@gmail.com

Fortaleza - CE



fogo, que irradiava luz intensa e raios fortes e era bom de olhar, chamava e não machucava.

Já quando penso em seu livro como distensão, vemo à memória o mito do herói que é submetido pelo monstro. Em sua narrativa, o monstro (marinho) é o peixe, símbolo incontornável da experiência transcendente do protagonista: Quando em preparo ao almoço antigo, fui à morte. Agora, tornado à vida, reaparecia-me o peixe. Jonas foi engolido por um grande-peixe - talvez um falso peixe, mas inegavelmente um monstro marinho - e esteve, durante o período do crepúsculo à aurora (ou durante noites e dias), mergulhado nas trevas, metonímia da morte, até ser vomitado pelo grande-peixe: morto e redivivo, diria seu protagonista... e embora a Bíblia não fosse seu "livro de preferência"...

Por fim, gostaria de destacar o perturbador jogo de sinais invertidos de seu livro, o que o faz problematizar a tradição: a morte, nele, é compreensiva e tranquila, ao contrário da vida, essa vida que tem a seguinte meta: dinheiro, poder, fama, e que, assim sendo, nega ao protagonista o melhorar do mundo.

Parabéns, Nelson, e obrigado pelo livro inspirador.

Enéas Athanázio é contista regional ou polígrafo?

Antigamente costumava-se chamar de polígrafo o escritor cuja obra compreendesse vários ramos do conhecimento. E para dar ao menos um exemplo de polígrafo, lembro Medeiros e Albuquerque, o qual, além de poeta e ficcionista, escrevia crítica e enveredava pela ciência.

Já o contista regional é aquele em cujas narrativas estão presentes a paisagem e os costumes de sua terra. É o caso, por exemplo, do gaúcho J. Simões Lopes Neto, do mineiro Afonso Arinos e do cearense Gustavo Barroso.

Leiamos um trecho de ficção de Enéas Athanázio: *A meio do campo, no topo de uma colina, a casa pintada de azul tinha aspecto solitário, com os vidros rebrilhando ao sol. Ao lado, um umbuzeiro enorme, de folhas verdes e cachos amarelos, espalhava sobre o solo vermelho a raizama grossa a oferecer assento há decênios a quem por ali andasse, já gasta pela fricção de corpos de várias gerações.*

Isso é do conto "São Simão". Ai temos um trecho dos campos gerais de Santa Catarina, terra do escritor, presente no livro **O Peão Negro**.

Esse foi um texto descritivo. E um narrativo, com movimento? Do livro **Tapete Verde** é esta cena; *Quando o polacão começou a andar, o outro apontou-lhe o revólver para os garrões e sapecou fogo. O tiro repicou nos morros da redondeza, uma língua incandescente se espichou na noite preta. Tartaviando, o grandão ensaiou uma corrida desengonçada pela estrada e as balas, uma a uma, furavam o chão ao seu redor...*

Sânzio de Azevedo
Doutor em Letras pela UFRJ
sanziodeazevedo@gmail.com
Fortaleza - CE



Aí está uma pequena amostra da arte do ficcionista. E o polígrafo? Em pelo menos três livros eu o vejo.

Nos **Ensaio Escoteiros** (2010), fala o escritor não só de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir como também de Blaise Cendrars. Interessante é a alusão que faz ao "Sabadoye", nome dado por Raul Bopp às reuniões de escritores no apartamento de Plínio Doyle, em Ipanema. Devo confessar que fiz parte desse grupo quando estive no Rio de Janeiro cursando Pós-Graduação. Enéas Athanázio cita ainda nomes como os de Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Nereu Corrêa e outros. Nesse livro chega a falar até de problemas como cangaço, com direito a alusões a Lampião e seu bando de facínoras.

Já neste ano de 2018, Enéas Athanázio se firma ainda mais como polígrafo ao publicar **O Contestado**, sobre a guerra que ensanguentou parte de Santa Catarina entre 1912 e 1916, assunto do qual o escritor é profundo conhecedor, e **O Holocausto**, em que discorre sobre o nunca esquecido crimes dos nazistas de Hitler contra os judeus. Gabo-me de possuir muitos livros sobre a Segunda Grande Guerra, mas Enéas cita uma infinidade de livros que eu ignorava.

Por tudo o que foi dito, posso responder à pergunta do título deste artigo, dizendo que Enéas Athanázio é contista regional dos maiores que temos tido, e também um respeitável polígrafo.

O novo governo da República prometeu e o presidente Bolsonaro anuncia mudanças no trato com os problemas dos índios no Brasil. Há muito a fazer com os antigos donos de terra no grande território, parte do qual percorrido por Pedro Rogério Moreira, ex-correspondente da Globo na Amazônia, nosso confrade na Academia Mineira de Letras. Ali ele viveu problemas e peripécias a bordo do barco Carvajal, de propriedade do romancista Mário Palmério, registrando-os em reportagens inesquecíveis e em seu "Diário da Falsa Cruz de Carvajal", edição da Thesaurus, de Brasília.

Foram três anos de aventuras, que podiam tê-lo removido da estatística dos vivos. Aprendeu sobre a imensa região e seus habitantes e tribos, além de pedaços perigosos do Brasil que os brasileiros ainda não conhecem. São muitos milhões deles com os quais o poder público na gestão federal que ora começa conviverá para melhorar-lhes os padrões de vida e escapar à ação dos exploradores, que chegam de todos os lados.

Fazem-se relatos semelhantes aos colhidos por Marco Marques, editor do jornal **O Nhequano**, lá nas Missões, em Roque Gonzales, RS, margens do rio Uruguai, na fronteira, pois, com a Argentina. Do lado brasileiro, estão os remanescentes da aldeia guarani do Ocoy, em São Miguel do Iguazu-PR, sob liderança do professor Antônio Cabrera Tupã.

Marques conta:

In loco, constatamos que lá vivem em torno de 170 famílias, ou 700 pessoas, a maioria crianças. Até o final dos anos 1970, viviam em uma grande área nativa, com caça e pesca abundantes. Devido à construção da Hidrelétrica de Itaipu, eles foram escoraçados de sua

O drama indígena

Manoel Higyno
Escritor, Jornalista
manoelhigyno@santacasabh.org.br
Belo Horizonte-MG



Tela de ÉLON BRASIL

terra. A grande maioria da comunidade foi expulsa, "deportada" para o Paraguai ou se dispersou. Os que ficaram foram confinados em um pedaço de terra da antiga aldeia, com menos de 80 hectares sem mata, e hoje estão cercados por grandes lavouras, "transferidas" para colonos gaúchos.

As condições de higiene da aldeia são degradantes, onde animais como porcos e galinhas convivem muito próximos dos indígenas, interagindo com as crianças. Quase todas as moradias são choças feitas de papelão, lona, capim e pedaços de tábuas, sem saneamento, energia elétrica ou água potável. O mais grave: nas lavouras ao lado são borrifados agrotóxicos que provocam doenças graves, anomalias em bebês recém-nascidos, além da contaminação da água do rio que margeia e sustenta a aldeia. Neste caso, um duplo crime é perpetuado, sem punição: contra a vida dos Guaranis e contra o meio ambiente.

Na época da visita, as lideranças relataram graves problemas que a comunidade Guarani enfrenta: indefinição da questão territorial; cestas básicas insuficientes, desviadas por funcionários corruptos da Funai; morte de crianças por subnutrição; prostituição, alcoolismo e casos de suicídios também foram informados. Os incontáveis pedidos de averiguação feitos às autoridades se perderam na burocracia, emissão de laudos falsos e nunca foram efetivamente investigados.

Passados mais de seis anos daquelas denúncias, nada mudou; pelo contrário, a situação só piorou. Com a promessa de realocação da aldeia para território mais amplo, antigos membros da comunidade retornaram, aumentando assim a população, a miséria e a fome.

Cabe, mais uma vez, questionar o Ministério Público Federal e as autoridades competentes: até quando os direitos constitucionais e consuetudinários do povo Guarani serão desrespeitados?

Canções de Exílio: Pequeno exilado

Sempre me comoveu muito a estória pessoal das crianças que viveram a infância em torno das vicissitudes políticas dos pais. Imaginava os filhos de Anita Garibaldi, os Pedrinhos filhos das Anas Terra, os Gomes da Silva, as Macarenas, os Telles, os De Ré, Ana Victoria Libenson, os Seixas...

Entre a clandestinidade brasileira e o exílio chileno, convivi com meu querido amigo Bito, inocente vítima da brutalidade do regime patronal-militar brasileiro. Nascido no Brasil, morou no Chile, escapou dos riscos pós-golpe de 1973, criou-se na França e hoje é um feliz papai e músico franco-brasileiro.

Quando voltei do exílio, brotou esta canção que tenta mostrar poeticamente a trajetória, os sonhos, a perplexidade, a saudade da criança andariega nas diásporas de minha geração. Quarenta anos depois, fazendo contas com Dudu, irmão de Bito, descobrimos que naquelas semanas em que vivemos escondidos em Santiago, lá também já estava Edouard, este mesmo gaulês Doudou, na pança de sua mãe Vânia, calada e discreta como sua amiga Maira Vega, também grávida na povoadíssima Embaixada do Panamá.

Ter esta canção gravada por Elis Regina é um dos momentos mais lindos para mim, mistura de orgulho e gratidão. Com arranjo supimpa de Nelson Aires, escuta-se ao final a ladainha* que Bito balbuciava para a lua em Santiago, num contracanto emocionante de Elis Regina. Ao nomear Elis um bairro de sua infância - Floresta - dá para sentir o soluço emocionado daquela que também teve uma vida algo "exilada" de si e de sua terra natal. O tema foi gravado em plena ditadura, em meu tardio primeiro disco *Teimoso* e vivo, na manhã paulistana do Estúdio Gazetão em plena Avenida Paulista. Ao terminar a gravação, secando uma lágrima impertinente, Elis trocou de sala e gravou imediatamente *Alô, alô marciano*, num clima absolutamente diverso. Classe, categoria e expressividade é para quem pode e para quem sabe!!!

Raul Ellwanger

Compositor, Cantor
lunar@cpovo.net
Porto Alegre - RS

* *La luna en el cielo/ El perro en la calle/ La luna en el cielo* (Y el Bito cantando)

* *Crônica do livro Nas Velas do Violão* (Ed. do Autor, 2016, 256 páginas). Os textos são acompanhados pela partitura e letra da música.



Pequeno exilado / Raul Ellwanger

*Navegas, navegas, navegas
Lá do outro lado do oceano
Na palma da mão já carregas
Vinte mil léguas de sonhos*

*Menino crescido sem terra
Teu único plano primeiro
É ver terminar tanta espera
É ser cidadão brasileiro*

*Seguindo teu pai que te leva
A bordo dos teus nove anos
Pequeno exilado sem pátria
Navegas teu barco de enganos*

*Guerreiro do bairro da Glória
Duende do bairro Floresta
Vem cá conhecer nossa história
Malandros, calçadas e festas*

*Navegas teus olhos cansados
Na capital dos franceses
Navegas teus olhos chorados
Contando dias e meses*

*Só quero te ver na cidade
Cantando em bom português
Canções de gritar liberdade
Daquela que usa o francês.*

Assista em <https://youtu.be/xPI8UgUOZk4>

O rio é fonte de história política da vida do povo

Consta que, em 1952 foi inaugurado a ponte de concreto, na localidade de Entre-Ijuís, obra do Governo Estadual, que criou um projeto de pedágio, por esta razão o povo levantou-se em um movimento de protesto liderados por grupos sociais contra a exploração de imposto em forma de pedágio. A união da população deu força na manifestação que resultou em confronto com autoridades do governo. O povo fez o Governo retirar a medida.

A partir de movimentos idealistas, o progresso surgiu de todos os quadrantes e em todas as formas, que chegou na região de Ijuí, a evolução normal atingiu hoje condições e estilo de cidade. Os municípios que margeiam a orla do Rio Ijuí, hoje é uma realidade, todas as cidades reúnem condições de crescer independentemente e prosperarem com gerações fortes para o futuro.

O rio foi motivo de projetos e lutas na construção da história do povo da região. Veja a importância das comunicações.

Reduções Jesuíticas das Missões

Durante a expansão das Reduções Jesuíticas, dirigiram-se índios e padres para esta região em busca de locais adequados para a fundação de novas reduções.

Em 1697, fundam a sexta Redução Missioneira São João Batista que surge do desmembramento populacional da Redução de São Miguel, em São João, hoje município de Entre-Ijuís.

O Ciclo da Colonização na região Noroeste do Rio Grande do Sul

(CONCLUSÃO)

Em 1706 o Padre Diogo de Hase com 737 famílias fundou a redução de Santo Ângelo Custódio, entre os rios Ijuizinho e Ijuí Guaçu (Ijuí Grande), próximo onde hoje é a cidade de Entre Ijuís, onde permaneceram por um ano, retirando-se; devido o receio de enchentes, desse local no ano de 1707 e fixando uma cidade na margem oriental do rio Ijuí Guaçu, onde hoje fica a cidade de Santo Ângelo.

Com a extinção das Reduções, já sem jesuítas e índios desgarrados, surgem os Tropeiros e Carreiros para utilizarem e batizarem o "Passo do Ijuí". Era o lugar preferido para fazer o meio-dia ou pernoite e depois seguir para Santo Ângelo, onde faziam o comércio.

Em 22 de março de 1873, Santo Ângelo se desmembra de Cruz Alta e o Passo do Ijuí começava a ter as primeiras residências das famílias.

Em 1918 a construção de uma modesta ponte vem dar condições de passagem de um lado ao outro do rio.

Em 1923, dois fatos novos agitaram o pacato "Passo". O primeiro foi a fundação do primeiro comércio organizada pelo Sr. Ernesto Cardoso de Aguiar, aumen-

tando assim o movimento de pessoas na sede. O segundo foi o "Estouro" da Revolução entre Maragatos e Chimangos. O Passo do Ijuí era o ponto estratégico, e ali houve um grande combate onde foram vencedoras as forças do governo.

Quem eram Maragatos e Chimangos?

O interesse dos portugueses

Os conquistadores portugueses tinham interesse na colonização pela ambição de contrabando de ouro e prata, assim facilitando a negociação por escravos. Eles viajavam distâncias longas pelo transporte de cavalos e mulas, sendo sua trajetória do Rio de Janeiro a Minas Gerais, onde a exploração do metal de valor era cultivado.

A vinda para a região Sul visava buscar o abastecimento do charque e couro para negociar na região aurífera de Ouro Preto e açucareiras de São Paulo.

Os portugueses eram comerciantes e aventureiros e passaram a serem compradores de terras, onde ocupavam ses-

marias, iam de um lugar para outro, todos os lugares onde podiam, e tomavam posse das terras, e para isso a região de campo do Rio Grande do Sul era ótima opção, onde instalavam suas estâncias, com respaldo militar, que posteriormente legitimavam as terras ocupadas. Essa ambição Portuguesa facultou manter um imenso território continente do Brasil.

A posse da terra acelerou com o tratado de Tordesilhas, em 1750, que fortaleceu o exército de defesa e o abastecimento econômico, que logo vieram os Açorianos, mas não foram assentados nas terras das Missões.

O latifúndio pastoril no Rio Grande do Sul tornou-se independente, por conseguir padrinhos e a expropriação de muitos ocupantes de pequenas áreas, assim a produção do charque aumentou e garantiu a continuidade do processo de colonização.

Qual o interesse colonizador?

Teobaldo Branco

Professor
teobaldobranco.blogspot.com
Ijuí - RS

Anderson Braga Horta

Poeta de primeira grandeza, nascido de poetas, exala Poesia por todos os poros, em tudo o que escreve, faz de sua vida um poema. Leia, releia e vislumbre o que é ser Homem-Poeta.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



E a sequência, adolescência-juventude, que é onde se define a personalidade e o futuro? Dois ângulos sempre se manifestam por aqui: 1) Amizades, namoros, futura família? 2) Estudos, formação acadêmica, profissão? Esteja à vontade.

Consideremos, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente, o período entre os 12 e os 18 anos como o da adolescência, para não nos perdermos em discussões preliminares — o ponto é objeto de definições que variam conforme o foco, o país, etc. Curto ou longo período? Depende de fatores e de gradações praticamente infinitas. Uma coisa é certa: é nessa fase que as sementes explodem, tanto em termos materiais, físicos, quanto em termos de desenvolvimento espiritual (de propósito deixo no ar a significação plural desta palavra). O corpo experimenta, então, a passagem do infantil para o adulto, que já praticamente se configura até o fim do período. Sobre esse aspecto não tenho muito que dizer. A natureza seguiu mais ou menos livremente o seu curso, nunca tive pendor nem talento para a cultura física. No que chamo, de modo abrangente, desenvolvimento espiritual, aí sim, há algum campo a explorar.

Nesses seis para sete anos fiz o curso ginásio e o clássico de então. A escolha do segundo, em vez do científico, já indicava uma mente inclinada antes às letras e às artes que às técnicas e às ciências.

Falei de explosões e de sementes. Nada mais próprio para assinalar os ímpetos do primeiro amor — expressão que nalgum lugar do caminho pedirá substituição por primeiros amores. Nisso está contido algo fortemente físico, vou concordando logo, antes que venha a objeção; mas, principalmente na primeiríssima e talvez

irrepetível floração, o deveras fulminante é o estado de sideração mental-emocional do sujeito, que passa a andar como vestido de ventos-procelascalmaria, tudo na mais improvável das sínteses. Coisa bem próxima a esse estado de microcosmo em expansão é a ânsia de beleza, talvez de perfeição, que parece a sua outra face. No meu caso, um canal de expressão para ambas fui encontrar na poesia. A rebentação foi tão forte que a procura do poema se tornou uma constante em minha vida.

Datam daí, também, as primeiras amizades profundas, duradouras.

Os estudos formais completaram-se na juventude, ao passo que se iniciava uma certa independência propiciada pelo trabalho — securitário, funcionário público, jornalista, professor... O estudante e, afinal, bacharel em Direito gastava o seu latim por aí. Aproxima-se de zero a sua atividade forense. Se algum cabedal jurídico serviu, para mim, como instrumento da atividade profissional, foi precipuamente na Assessoria Legislativa (atual Consultoria Legislativa) da Câmara dos Deputados, de que fui integrante e diretor.

Adulto, definido. E então, até agora, hoje? Temos aqui uma avalanche de atividades que exerceu: redator, professor, jornalista, escritor, poeta sobretudo... Por favor, mostre-se, agora, já que, pelo que se sabe, está aposentado.

Sim, tenho exercido essas funções ao longo da vida. O jornalismo e o magistério tive de deixar, por praticamente (embora não legalmente) incompatíveis com os cargos de direção que vim a ocupar. Aposentei-me como Diretor Legislativo da Câmara.

A experiência de redator/revisor, não deixam que a dissipe

completamente: aproveitam-na o periódico *Voz Ativa*, da ASA-CD, associação de aposentados daquele braço do Congresso Nacional, e o *Jornal da ANE* - sigla da Associação Nacional de Escritores, sediada em Brasília. Quanto ao escrever, disso não me aposento. Seja no conto, na crônica, ou no ensaio (geralmente oratório), seja no poema, a verdade que diviso é uma só: escrever é preciso.

E a sua obra literária escrita? Os seus livros são pilha aqui, lidos e pensados, mas só pequena parte de tudo que já produziu. Dos mais diversos gêneros: verso, prosa... Em cada forma, novas divisões. Por favor, faça-nos uma divisão, classificação sua, particular de sua obra toda. Qual o motivo de tantas formas de expressão? O leitor ficará informado e agradecido.

Comecei a escrever e a publicar como poeta, mas minha estreia em livro, afora a participação em antologias, foi como contista, em *O Horizonte e as Setas* (Horizonte, Brasília, 1967), ao lado de três amigos: Elza Caravana, Izidoro Soler Guelman e Joanny de Oliveira. Daí por diante a poesia retomou seu lugar; e vieram, entre vários outros títulos, de 1971 a 2018: *Altiplano e Outros Poemas* (EBRASA-Ed. de Brasília S.A.), *Marvário* (Clube de Poesia de Brasília), *Incomunicação* (Comunicação, Belo Horizonte), *Exercícios de Homem* (Comitê de Imprensa do Senado Federal), *Cronoscópio* (Civilização Brasileira), *O Pássaro no Aquário* (Comitê de Imprensa do Senado / André Quicé), *Pulso* (Barcarola, S.Paulo), *Quarteto Arcaico* (Guararapes EGM, Jabotão dos Guararapes), *Fragmentos da Paixão: Poemas Reunidos* (Massao Ohno, São Paulo), *Soneto Antigo, De Viva Voz* (Thesaurus, Brasília), *Versos em Três Tempos*, com Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta (Costelas Felinas, São Vicente).

Mais: *O Cordeiro e a Nuvem e Antologia Pessoal* (Thesaurus, 1984 e 2001); *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Galo Branco, Rio, 2003); *Signo Antologia Metapoética* (Thesaurus, 2010). Tradução para o búlgaro, por Rumen Stoyanov: *Lua da Fonte / Elegia de Varna* (Editora Oglelado, Sófia, 2009). Para o espanhol, por vários autores: *Tiempo del Hombre* (Maribelina, editora da Casa del Poeta Peruano, Lima, 2015). **Traduzir Poesia** — ensaios e traduções (Thesaurus, 2004).

O seu nome, Anderson Braga Horta, é conhecido e respeitado na primeira linha das Letras Brasileiras. O nosso jornal, que frequenta, e bem, essa primeira linha, quer, sobretudo, mostrar Cultura, Arte e Letras, ao público todo. Em especial, ao público sedento de conhecer quem é quem, o que faz e o que pensa em Letras. Sem elitismos, hermetismos, academicismos. Cultura feita por pessoas humanas, em sua vida, obra e pensamentos. Por isso, delineamos nossas conversas sob três aspectos: vida, obra, comentários. Começemos por sua vida. Sabe-se que é filho de poetas. Como foi, então, essa sua infância, nesse ambiente intelectual? Em casa, na escola, com outras crianças, sociedade...? Por favor, o que é ser criança numa família intelectual?

Antes de mais nada, tive uma infância. Meus pais não apenas nos ensinavam, aconselhavam, repreendiam quando necessário, nos educavam, enfim, mas também brincavam conosco e nos davam carinho. Mamãe nos contava histórias que inventava na hora (quase sempre uma hora noturna); criara um Anãozinho Aimoré que as protagonizava com qualidades de herói bem-pensante. Pena que não lhe tenha ocorrido botá-las no papel. Com certeza poderiam encantar outras crianças. Papai me levava, em Vila Boa de Goiás, carinhosamente chamada Goiás Velho, a antiga capital, (e só a mim, que, sendo o mais velho, já podia acompanhá-lo) nas viagens que fazia a cidades vizinhas, como *advogado itinerante*. Mamãe jogava comigo um jogo de que nunca mais ouvi falar, um tal de xadrez-chinês, um tabuleiro com perfurações que formavam uma estrela e sobre as quais se moviam bolinhas de gude.

Moramos em diversas cidades de Minas e de Goiás. Assim, posso dizer que tive muitas infâncias, desfrutando um sem-número de folguedos: pique, pelada, precipício (finca), pião, banho de córrego, banho de rio, banho de chuva, caçada (com espingarda mirim), pescaria miúda...

Benefício específico do ambiente intelectual? Sim, aprendi o beabá cedo e cedo me interessei por leituras as mais variadas. Lia tudo o que havia em casa, o que inclui, naturalmente, poesia. Curiosamente, só vim a me conscientizar de que meus pais eram poetas aí entre os 13 e os 15 anos, quando, vezeiro já em rabiscar figuras e quadrinhos, resolvi tentar o poema.



Com a família: ao lado da esposa Célia e com os filhos gêmeos Anderson e Marília;



Em casa com Célia, Marília, Fernanda (neta), Janete (nora) e Anderson.

Ao escritor compete extrair do potencial de sua língua toda a cintilação que possa, dignificando-a sempre.

Gostaria de mencionar um sem-número de coletâneas nacionais e estrangeiras que me acolheram, mas não vamos transformar a entrevista num inventário.

Em 2008 saíram os contos de *Pulso Instantâneo*. Os ensaios reúnem-se em *Sob o Signo da Poesia: Literatura em Brasília*, 2003; *Testemunho & Participação*, 2005; *Criadores de Mantras*, 2007; *Proclamações*, 2013; *Do que É Feito o Poeta*, 2016. (editados pela Thesaurus, de Brasília).

Grande parte dessas edições foi patrocinada pelo FAC Fundo de Apoio à Cultura, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, cuja importância para o meio intelectual e artístico não posso esquecer de exaltar. O único problema dos livros assim editados é não terem distribuição comercial, o que acarreta prejuízo incomensurável para o acesso geral à obra, que fica praticamente circunscrita a um grupo quase fixo de destinatários. Tentei umas três vezes remediá-lo mediante contrato com distribuidoras, mas não sei se alguma chegou a colocar um volume que fosse... Nunca me prestaram contas. De uma delas consegui recuperar os exemplares enviados, menos um... provavelmente posto em exposição e extraviado.

Por que tantos gêneros? Ora, é natural que o poeta medite sobre sua arte. É a palavra o instrumento e a matéria-prima do poema. Assim, ceder o poeta à tentação de escrever sobre poesia não foge ao esperável. O conto vem assumindo uma natureza, tanto em estrutura quanto em essência, cada vez mais próxima do poema. É bom lembrar que o poeta é (ou devia ser) um apaixonado pela palavra; natural, pois, que tenha pelo menos a curiosidade de exercitá-la em todas as formas e modalidades ditas literárias. Modernamente, mais do que nunca, os gêneros interagem e se interpenetram.

Um lado muito gostoso de seus textos prosaicos, são os textos que comentam outros autores, livros e mais. Um exemplo que temos aqui: Do que é feito o Poeta. A leitura é agradável, aconchegante. Pergunta-se:

no fundo de todos os textos literários que escreve, qual é a linha norteadora de sua concepção literária? Inclusive para explicar do que é feito o poeta. Com isso, já está nos adiantando uma visão da Literatura Atual do Brasil.

Suma de como encaro o escrever está em algumas linhas de um texto que preparei para apresentar minha *Antologia Pessoal*. Vale, *mutatis mutandis*, também para a prosa. Sempre que tenho de falar sobre o assunto, acabo recorrendo a elas.

O poeta não pode deixar de se assenhorar das técnicas do verso, embora a técnica, obviamente, não seja tudo. Ao escritor compete extrair do potencial de sua língua toda a cintilação que possa, dignificando-a sempre. Escrever é atividade intelectual, mas não se esgota no âmbito do intelecto; o poeta há de comover-se e comover, sim, mas não se há de entregar, ingenuamente, à emoção desassistida da inteligência, porque a emoção, por si só, não é ainda arte, não é ainda poesia. A esse amálgama de pensamento-emoção-sentimento que é o poema não se deve tolher o voltar-se para a sorte do homem no espaço e no tempo, seja do ponto de vista filosófico, seja do social; pois à poesia, arte da palavra, interessa necessariamente tudo o que de humano se possa representar nela.

A Poesia é seu lado mais saliente, respeitado e admirado. Na leitura dos poemas que nos chegaram às mãos (e aos olhos), observa-se respeito às normas tradicionais da versificação, sem, de forma alguma, ficar preso à rigidez formal. Diga-nos como enxerga a versificação, a essência de um poema, o próprio fazer poético.

Ginasiano, aos 13-14 anos recebi minhas primeiras lições de versificação e tentei por primeira vez o poema. Ainda ignorante da distinção entre sílaba vocabular e sílaba métrica, perdi-me entre as exigências do ouvido e a contagem dos elementos versíficos, que dificilmente coincidiam. Superada essa pedra, compus meu primeiro poema: sintomaticamente um soneto.

Nessa fase inicial, que durou entre quatro e cinco anos, abebereime exclusivamente nos mananciais clássicos, barrocos, românticos, parnasianos e simbolistas. Foi um delicioso aprendizado. Só depois começou a atuar em mim a sedução da modernidade em que mergulhei com vontade e renovado prazer. De então por diante tenho entendido que metrificação e versilibrismo são instrumentos e/ou aspectos do fazer poético. Acho bom que o poeta domine todos os recursos de sua arte, valendo-se deles a seu talante ou de acordo com as exigências tópicas do poema.

A essência do poema é o raptado do belo na forma sintética; belo que não dispensa o mental, o verdadeiro, o agudo, o filosófico, o social, o crítico — tudo cabe na panela do poeta, a quem compete fundir todos os ingredientes num objeto lúdico, estético e pensamental. Mais ou menos como o digo num soneto (“Multimoda”, de *Cronoscópio*):

*Não apenas de cálculo se nutre,
nem somente de música, a Poesia.
Nem é ela o noturno, o tetro abutre
a tripudiar nas podridões do dia.*

*É maior que as campinas onde a lua,
cavalo branco e azul, selvagem nitre;
mais do que amor medrando em pedra nua,
sonho de flor na crosta de salitre.*

*Tudo cabe no poema o claro, o escuro,
o cinza, afinidades, dispersão,
fúrias, mares, exílios, natureza.*

*Que não visa a Poesia ao belo puro,
nem à pura emoção, mas à emoção
transfigurada em timbres de beleza.*

Ainda sobre o fazer poético: Escrever para divertimento próprio e alheio é válido. Escrever para ganhar a vida é justo. Para ficar rico? Não desprezaria a possibilidade, se me acesse... Agora, se o que você escreve pode contribuir para o soergimento da humanidade — a partir do próprio! —, aí então se poderá dizer que sua missão está realizada e completa.

Ambicioso? Muito! É bom deixar bem claro: não tenho a louca pretensão de voar tão alto; mas é isso que, na condição de escritor, imagino deva me colocar por horizonte.

Nascido e vivido no centro do país, em altos escalões, como vivencia a Literatura Brasileira em outras regiões do país, que não as Letras das grandes metrópoles?

Por grandes metrópoles entendo, neste caso, Rio de Janeiro e São Paulo. Embora pululem hoje editoras de boa fatura técnica em cidades de médio porte, continuam sendo aqueles os grandes centros editoriais. Creio que posso generalizar dizendo que a maioria dos escritores de porte elevado, provenientes de todas as partes do País, num deles terminam sua formação ou, pelo menos, para aí se transferem. A maioria, digo; mas não todos. Mário Quintana, por exemplo, nasceu, viveu e morreu no RS (Alegrete, Porto Alegre).

Desde que vim para o Planalto Central, pelo menos, tenho mantido estreito contacto, ainda que à distância, com escritores que optaram por permanecer na província, assim como eu, provinciano de Minas e de Goiás que, após maravilhosa estada no Rio de Janeiro, vim dar com os costados nesta Brasília editorialmente provinciana, ainda. Aqui mesmo tive a alegria da amizade e convivência com gente do nível de Almeida Fischer, Fernando Mendes Vianna, Joanyr de Oliveira, Oswaldino Marques, Waldemar Lopes — vou-me referir apenas a nomes que já nos deixaram, do contrário me obrigaria a lançar

(CONCLUI NA PG. 08)

nestas páginas um extenso rol de poetas e prosadores. O. G. Rego de Carvalho, de sua Oeiras, no Piauí, intercambiava livros comigo. Nauro Machado (com quem estive algumas vezes) e José Chagas, de São Luís do Maranhão, com esses me correspondia frequentemente. Os cearenses Francisco Carvalho, Artur Eduardo Benevides, José Alcides Pinto. Santo Souza, de Aracaju, foi outro notável poeta que entrou nesse círculo. E vou-me lembrando, meio aleatoriamente, de Telmo Padilha (BA), de Manoel de Barros (MS), dos mineiros Bueno de Rivera e Cícero Acaiaba, do amazonense Aníbal Beça, do pernambucano Mauro Mota (conheci-o pessoalmente em Brasília), do paranaense Foed Castro Chamma, do goiano Ursulino Leão... Mas paremos por aqui, pois outro rol já se vai formando.

Em suma, a literatura provinciana vive, e com ela vivamente me

relaciono.

E na América Latina e no mundo inteiro?

Mantenho correspondência com escritores das mais diversas origens, especialmente após o advento da internet, que facilitou enormemente a comunicação. O melhor termômetro de minha aproximação com outras literaturas, entretanto, acho que são as traduções que tenho publicado, só ou com José Jeronymo Rivera e Fernando Mendes Vianna, de latino-americanos, espanhóis, franceses etc., além das antologias internacionais de que participo.

Curiosidade: como nos enxerga a nós, rio-grandenses-do-sul? Mais ainda, nós, os gaúchos missionários?

Gente muito boa! Não só de letras, também de trato. Aqui não há

como nem por quê contornar os vivos. Os nomes se impõem, como as pessoas. José Santiago Naud, Nelson e Inês Hoffmann, Ruy Nedel, entre os missionários. Mais Antonio Hohlfeldt, Armindo Trevisan, Carlos Nejar, Carpinejar, Eugênio Giovenardi, Flávio Kothe, Hélio Póvoas, José Eduardo Degrazia, Lourenço Cazarré, Sérgio Faraco, Suzana Vargas, Wilson Chagas... Esqueci alguém? Memória de velho... Vêm-me à mente alguns que já se foram: Antonio Carlos Osorio, Lara de Lemos, Paulo Hecker Filho, Waldir Ayala.

Por fim, como sempre, a palavra é toda do Entrevistado. Tem o espaço que quiser, a liberdade que é sua. Disponha.

Já que você me pede “uma pequena biografia/currículo” e o essencial deste está nas respostas 3 e 4, falo um pouco mais de minha vida.

Nasci em Carangola, MG, em 17.11.1934, filho do advogado Anderson de Araújo Horta e de Maria Braga Horta. Poetas quase de nascença. Professores por acréscimo. De Carangola a família circulou por Belo Horizonte, Manhumirim, Resplendor, Mutum. Acrescida a equipe de Arlyson, Augusto Flávio e Maria da Glória (dois que partiram para o *outro lado*), mudança maior, rumo à cidade de Goiás, onde veio nos acompanhar Goiano, e daí a Goiânia, onde comecei o ginásio. Voltando a Minas, novamente Manhumirim, para completar o curso; e Aimorés, Mantena, Lajinha. Em Leopoldina fiz o clássico. No Rio, diplomei-me em Direito e comecei a namorar Célia, uma capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, com quem viria a me casar em 1962, residindo já em Brasília. No ano seguinte vieram os gêmeos Anderson e Marília. Em 1999, nascimento da neta Fernanda.

Por NELSON HOFFMANN
nelson.hoffmann@yahoo.com.br

Cultura Guarani

“Vou resistir até minha última gota de sangue.” (Raimundo Mura, Líder Indígena - Amazônia)

A informação é a alma do negócio

Sempre que tenho a oportunidade de falar de Nheçu, aproveito para contar aquela história que não foi contada ou foi mal contada.

Muitas vezes as pessoas vem me procurar e perguntam onde encontrar uma bibliografia sobre estes fatos. Indico o Jornal *O Nheçuanho* e diversos autores que por ali deixam seus textos.

Hoje, deixo aqui o texto publicado pelo gaúcho **Cláudio Martins**, escritor, grande poeta e trovador na cidade de Osório, em sua coluna no *Jornal Revisão*.

Nheçu e Sepé Tiaraju

Nossa história é cheia de contradições. Não sou um pesquisador, mas sempre leio muito sobre a história do Rio Grande do Sul. Confesso que somente agora descobri algo importante sobre a história das Missões, com a ajuda do meu amigo Julio Ribas que me forneceu um vasto material de pesquisa referente a esta questão.

Cantei e idolatrei o índio Sepé Tiaraju, e obviamente, não retiro meus conceitos sobre o herói Guarani, mas me chega às mãos este material sobre um outro herói Guarani anterior ao Sepé de nome Nheçu. Com o surgimento deste herói Guarani a expressão “Esta terra tem dono”, dita pelo Sepé Tiaraju 90 anos depois, não que perca seu valor, porque realmente é verdade, mas acho que daqui para frente devemos dizer que esta terra já tinha dono.

Os historiadores afirmam a real importância cronológica que se iniciou com a fundação da redução de São Nicolau.

Em maio de 1626 ocorre a resistência Guarani comandada pelo Cacique Nheçu e que resultou no primeiro choque cultural entre brancos e índios em nosso território. Isso ocorreu na região de Assunção do Ijuí, atual município de Roque Gonzales, RS, em 1628. O cacique Guarani Nheçu, líder incontestado de várias tribos da região e contrário a aculturação provocada pela mudança de costumes sociais e religiosos, ordenou a morte dos missionários (Padres Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João de Castilhos) numa desesperada tentativa de salvar a cultura e crenças milenares de seu povo.

Hoje, quando falamos na história das Missões, citamos Sepé Tiaraju, as ruínas de São Miguel e os 7 Povos das Missões, sendo que 90 anos anterior a tudo isto existiu um cacique de nome Nheçu, que defendeu esta terra. Heroísmo este que serviu, talvez, de inspiração para as “escaramuças” heroicas de Sepé Tiaraju.

As queimadas

Estamos diante de uma tragédia que é imensurável. Deixando o lado político, sem procurar culpados (se existe culpado), nossos governantes precisam resolver esta situação.

Ao que parece, a maior preocupação é em salvar o planeta, salvar o pulmão do mundo - alguns discordam deste título e dizem que o título é dos oceanos - mas a preocupação maior deveria ser com os “seres” que habitam aquele local.

A frase do título desta página é do líder indígena Raimundo Mura, chefe da tribo Mura, que vive na Amazônia e tem assistido à destruição de seus lares. Só em agosto deste ano, segundo o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) foram registrados mais de 5,3 mil focos de incêndio no Amazonas. “É uma praga”, diz Raimundo, “você está vendo as vidas (dessas árvores) desperdiçadas ali, todas essas árvores tinham vidas, e elas todas precisavam viver, cada uma no seu lugar. Você consegue ver o dano. É o objetivo do homem branco acabar com isso” diz Raimundo.

A tribo Mura tem uma longa história de resistência na Amazônia. Durante o período colonial, eles lutaram contra a cultura portuguesa e sobreviveram a epidemias.

Hoje 15 mil índios Mura vivem no Brasil. Eles tiveram acesso a uma área especial para a pesca e extração de produtos da floresta. Agora temem pela sua tradição enfrentando a maior ameaça possível: a destruição da Amazônia.

O líder indígena disse ainda que resistiram durante muitos anos a invasão do homem branco, mas com a construção de rodovias e a chegada da eletricidade a invasão aconteceu.

Fica a pergunta: será que o progresso traz destruição?

Julio Ribas
Professor, Advogado

Queixa e Gueixa

Não sou gueixa...
 Porque eu teria muito mais queixa...
 Tenho uma maior!
 Que é não ser gueixa
 para que você não tivesse tanta queixa!

Seria treinada para não queixar...
 Não poderia só amar a ti,
 terias que me dividir
 para que outros também não tivessem queixa...

O que escolhes:
 ter uma pessoa só para ti
 com queixas
 e não gueixa
 ou ainda
 uma não gueixa com queixas?

Sandra Mara Pereira de Queiroz

Poeta
 zelopes41@gmail.com
 Curitiba - PR

Pequeno concerto para violino

(Para Isabela Lusan)

As cordas de um violino
 soam como uma canção de amor
 e aproxima-nos do belo

e o belo se faz elo
 sustentado
 entre Deus e a canção.

Rogério Salgado

Poeta
 Do livro: Baú de memórias
 poetarogerialgado@yahoo.com.br
 Belo Horizonte - MG

Cristal de sangue

Uma pétala de cristal
 riscou meu sangue
 com o brilho frio
 me iluminou.
 Dúvidas...

Uma gota de sangue
 pingou,
 manchou.
 Meu olhar
 voou com o vento.
 A gota
 pintou,
 marcou o cristal,
 esparramado no chão,
 despetalado.

Inês Hoffmann

Poeta
 Do livro **Parto**
 ines_ih@hotmail.com
 Roque Gonzales-RS

Autorretrato (I)

O que sou? –
 não mais
 que
 este
 "conjunto de carne e derivados,
 em ligeiro desequilíbrio",
 que te dá
 um nome
 que mente
 a carne
 que diz.

Décio Braúna

Historiador, Poeta
 Do livro Cinco inscrições da mortalidade
 derciobrauna@bol.com.br
 Jaguaruana - CE



"As Lavadeiras" (1944), obra de **Cândido Portinari** (1903-1962)

A palavra

A boca amordaçada
 se libertou e coloriu um grito
 ainda débil como de alvorada
 a procurar romper e ser o dia.

Pelo céu sem negror aves batiam
 as sonolentas asas
 e além no horizonte ressurgia
 o clamor de mais bocas libertadas.

Palavras comovidas,
 do sonho finalmente desatadas
 apalparam com brados o sentido
 de uma outra chamada "liberdade".

António Salvado
 Professor e Poeta de Portugal
 Do livro As linhas que perduram
 almargom@gmail.com
 Castelo Branco - Portugal

Sem palavras

Para não dizer
 que não falei de flores

Coloco uma rosa
 no poema,

Mas os espinhos
 ficam no coração.

Hugo Pontes

Jornalista, Poeta
 hugopontes@pocos-net.com.br
 Poços de Caldas - MG

Fome

Quando a fome
 não se resolve
 com comida

há o prato
 a cor
 o destino
 dos restos
 aproveitáveis

quando some a fome
 no que não há para comer

há o prato
 a receita internacional
 a descoberta
 a mistura
 de restos inaproveitáveis

quando a comida
 não atende a fome.

Pedro Du Bois

Poeta, Contista
 Do livro Imagem & Reflexo
 pdubais@terra.com.br
 Balneário Camboriú - SC

Envio

Nasci na região mais alta e fria
 de Minas, entre as serras e a neblina.
 Meus pais eram poetas: foi-me a sina
 ter no Poema a minha estrela-guia.

De Minas a Goiás, depois ao Rio,
 um périplo cumpri, cumprindo o fado;
 mas, o leme nas mãos enfim tomado,
 em Brasília ancorei o meu navio.

Entre zelos de esposa, filhos, neta,
 entre amigos e irmãos, bendigo a via
 que nos conduz à inevitável meta.

E o sentido da vida se alumia
 ao sol do Amor, que Amor é quem completa
 a dádiva sublime da poesia.

Anderson Braga Horta

Poeta
 Do livro "Antologia Metapoética"
 Brasília - DF

Inês Hoffmann e
Nelson Hoffmann

Autores & Livros

ines_ih@hotmail.com
nelson.hoffmann@yahoo.com.br
Rua Pe. Anchieta, 439
97970.000 - Roque Gonzales - RS



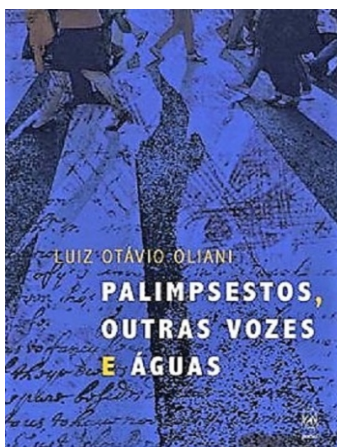
Grande e Estranho é o Mundo é o sugestivo título de um belo e premiado romance do peruano **Ciro Alegria**. Volta e meia o título me vem à lembrança e é quando olho e penso o mundo ao meu redor. E em mim. Quem entende? Por certo, dizem-me velho e ultrapassado. Pode ser. Mas, eu lembro, quando eu era jovem e sonhador, o mundo já era assim mesmo. Só meus olhos, então, eram diferentes, cintilavam esperanças. Hoje, bruxuleiam desalento. Sinto-me perdido, não entendo mais o que sou nem para onde vou. Ou estou sendo levado. Mas, cá entre nós, eu ainda luto e não me entrego. E você? – **N. H.**



Pedro Albeirice da Rocha envia-nos **Histórias do Tocantins e outras mais**. O autor é natural do Rio de Janeiro, percorreu vários estados brasileiros em suas atividades docentes, mestre que é em Literatura Brasileira, Linguística Espanhola e doutor em Teoria da Literatura. Reside em Araguaína, TO. Colunista de jornais, tem publicações nos mais variados gêneros. Este seu **Histórias do...** é uma reunião de treze contos/crônicas ambientados em nosso interior brasileiro, com cheiros de chão cultivado e gente humilde e sensível. – albeirice@uft.edu.br

Ernani Leão, quem é, não o conhecíamos? Chegou-nos com **A Flor do Infinito**, gerou-nos surpresa: quem é, de onde vinha? Fomos à leitura e gerou-nos espanto. Era poeta raro, de linguagem cuidada e expressiva contendo dores e alegrias, tristezas e sonhos, num amálgama perfeito do ser humano: matéria-espírito. É poesia pra ler e meditar, viver e transcender. Como estamos fazendo. A começar pelo título: **A Flor** concreta da vida na transcendência **do Infinito**. – clauderarcujo@gmail.com

Luiz Otávio Oliani, poeta de nome sólido na contemporânea poesia brasileira, brindou-nos com seu mais recente livro **Palimpsestos, Outras Vozes e Águas**. Como é sabido, palimpsesto é um escrito que, bem lido, revela outro escrito anterior. É o caso. A poesia de Oliani, ele próprio grande poeta, homenageia outros grandes poetas, com sua poesia própria, sob cuja leitura vislumbram-se outras leituras de outros grandes poetas. Merece leitura, releitura e muita reflexão. Uma raridade poética. – oliani528@uol.com.br



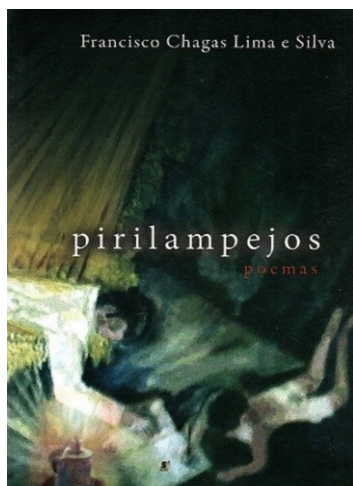
===R E C E B E M O S===

- * **Rosani Abou Adal** (S. Paulo/SP): *Linguagem viva*, nº 357, 358 e 359, jornal cultural;
- * **Dias da Silva** (Fortaleza/CE): *Binóculo*, nº 208, 209, 210 e 211, jornal cultural;
- * **Clauder Arcanjo** (Fortaleza/CE): *A Província em exílio*, prosa;
- * **Cleber Pacheco** (Esmeralda/RS): *O Livro dos livros*, prosa;
- * **Cláudia Brino & Vieira Vivo** (São Vicente/SP): *Almas com fome* (CB), *Solo fértil* (VV) e *Cabeça ativa Mãos*, verso;
- * **Arnildo L. Rockenbach** (Sta. Rosa/RS): *Elementos da formação religiosa católica e cultural de Giruá* e *Relacionamento alunos-professores na construção do conhecimento*, prosa;
- * **Domingos Pellegrini** (Londrina/PR): *Haicai-piras* e *O tempo de Seo Celso*, verso/prosa;
- * **Dias da Silva** (org.) (Fortaleza/CE): *Voz verso viola em Mangabeira III*, prosa e verso;
- * **Iracema M. Régis** (Mauá/SP): *Memórias de um canalha*, prosa;
- * **Aristides Theodoro** (Mauá/SP): *Mangangá*, prosa;
- * **Carlos Frederico F. da Silva** (R. Janeiro/RJ): *Vozes de minh'alma*, versos, e *Boletim ibérico* nº 169, jornal cultural;
- * **Sérgio Queiroz de Medeiros** (Natal/RN): *Guardados*, versos;
- * **Manuel de Jesus Lima** (Brasília/DF): *As guerras de Juquinha e outras guerras*, prosa;
- * **Associação Nacional de Escritores** (Brasília/DF): *Jornal da ANE*, nº 95, jornal cultural;
- * **Enéas Athanázio** (Balneário Camboriú/SC): *Dinarte do Entre-rios & outros viventes* e *Livro sobre livros*, prosa;
- * **Silvério da Costa** (Chapecó/SC): *A folha vaidosa*, prosa;
- * **Anderson Braga Horta** (org. Brasília/DF): *Camões na rua*, versos;
- * **Luiz Octávio Oliani** (L.Vasconcelos/RJ): *A vida sem disfarces*, prosa;
- * **Neu Volpato** (Piracicaba/SP): *Quem dera que amanhã...* e *Postquam*, versos;
- * **William Agel de Mello**: *Obras completas vol. II - Tradução e Dicionário Mirandês-Português/Português-Mirandês*, prosa e verso;
- * **Eduardo Waack** (Matão/SP): *O boêmio*, nº 337 3 338, jornal cultural;
- * **Adrião Neto** (Org. - Teresina/PI): *Piauí em letras 2*, prosa e verso;
- * **C. Ronald** (Biguaçu/SC): *Então esquece*, versos;
- * **Claudino Piletti** (Org. Ibiúna/SP): *Vale do Burati*, prosa e fotos;
- * **Antônio Salvado** (Portugal): *Leituras VIII*, versos.



Chico Alves d'Maria, um dos pseudônimos de Francisco Alves Filho, encaminha-nos novo livro seu, de poesias, **Porto do Tempo**. O autor é um múltiplo em atividades artísticas: escritor, músico, ator...além de engenheiro. Neste **Porto...** confirma suas grandes qualidades poéticas, de estesia e humanidade. Se não acredita, veja: **Coração Feito passarinho / o amor, primo-irmão da dor / faz do peito, ninho**. E isto é só uma pequena amostra. – clauderarcujo@gmail.com

Francisco Chagas Lima e Silva, um maranhense de nascimento e mineiro de vida, é autor de um livro de poemas, intitulado **Pirilampejos**. Pelo título começa-se a entrever o conteúdo, muito simples, de um autor com genuína veia poética que descortina poesia nas coisas cotidianas, e trabalha a linguagem com lampejos de descobertas ou novas construções linguísticas. O livro divide-se em três partes: I. Cenário; II. Retratos; III. Inventário. Cada parte é independente, mas o conjunto mantém um elo comum. É um mundo nosso de cada dia, em pessoas e coisas concretas. Poesia verdadeira. – clauderarcujo@gmail.com



Inês Hoffmann e
Nelson Hoffmann

Autores & Livros

ines_ih@hotmail.com
nelson.hoffmann@yahoo.com.br
Rua Pe. Anchieta, 439
97970.000 - Roque Gonzales - RS

DESTAQUE



Poeta, jurista, crítico literário e historiador, Dimas Macedo (Lavras da Mangabeira-Ceará-BR, 1956) é Mestre e Livre Docente em Direito, professor da UFC e integrante da Academia Cearense de Letras.

São de sua autoria os livros de poemas: *A Distância de Todas as Coisas* (1980; 3ª ed.: 2001), *Lavoura Úmida* (1990; 3ª ed. 2010), *Estrela de Pedra* (1994; 2ª ed. 2005), *Liturgia do Caos* (1996, 2ª ed. 2016), *Vozes do Silêncio* (2003), *Sintaxe do Desejo* (2006), *O Rumor e a Concha* (2009), *{Guadalupe}* (2012) e *{Codicípio}* (2018).

No campo da crítica ou do ensaio, é autor de: *Leitura e Conjuntura* (1984; 3ª ed.: 2004), *A Metáfora do Sol* (1989; 5ª ed.: 2014), *Ossos do Ofício* (1992), *Crítica Imperfeita* (2001), *Crítica Dispersa* (2003), *Ensaio e Perfis* (2004), *A Letra e o Discurso* (2006, 2ª ed. 2014), *Crítica e Literatura* (2008, 2ª ed. 2009), *A Brisa do Salgado* (2011), *Afonso Banhos: Ensaio de Filosofia* (2013) e *Resenhas e Perfis* (2016).

Integrou os conselhos editoriais das revistas: *Espiral*, *Urupema* e *Literapia* (Fortaleza), *Política Democrática e Literatura* (Brasília), *Morcego Cego* (Santa Catarina), *Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos* e *Revista Latino-Americana de Estudos Constitucionais*.

Tem poemas, livros e textos literários vertidos para o inglês, o francês, o búlgaro, o italiano e o espanhol, e ensaios publicados em jornais e revistas, abrangendo os campos da Literatura, Direito e Filosofia, sendo autor de uma centena de prefácios a livros de outros escritores.

Como palestrante, fez-se conferencista, entre outros, nos seguintes auditórios: *Universidade de Salamanca* (Espanha), *Universidade San Marcos* (Peru), *Universidade de Le Havre* (França), *Universidade de Brasília*, *Universidade do Porto* (Portugal), *Universidade Federal da Bahia*, *Benemérita Universidade de Puebla* (México) e *Instituto de Altos Estudos de Direito Público* Porto Alegre.

O {Codicípio} de Dimas Macedo

{Codicípio} é um neologismo criado por Dimas Macedo para dar título a esse seu livro de 2018. São 38 poemas publicados pelas Edições Poetaria, trabalhados graficamente por Geraldo Jesuíno. O prefaciador é Rodrigo Marques que, através de texto bem elaborado, analisa com muito zelo o livro do Dimas, mas não encontra nos dicionários alguma alusão ao termo título. Também Jesuíno, em texto de capa, não consegue dizer o que é *{Codicípio}*, apesar da excelente análise produzida. Já o autor, este silencia sobre o real significado de sua invenção.

Os poemas desse novo livro ainda trazem momentos do telurismo, que tem sido a principal temática macedeana ao longo da sua produção literária. Lavras da Mangabeira e o rio Salgado da infância e da adolescência ainda pulsam na sua poética. Feliz quem canta sua terra antes de cantar o mundo. E Lavras é farta em motivações literárias. É tanto que dizem que os escritores daquela terra são marcados pela cidade porque se banharam e beberam a água do Salgado. Até parece que Dimas Macedo exagerou na sua beberagem, pois o rio e a cidade não saem do seu poetar.

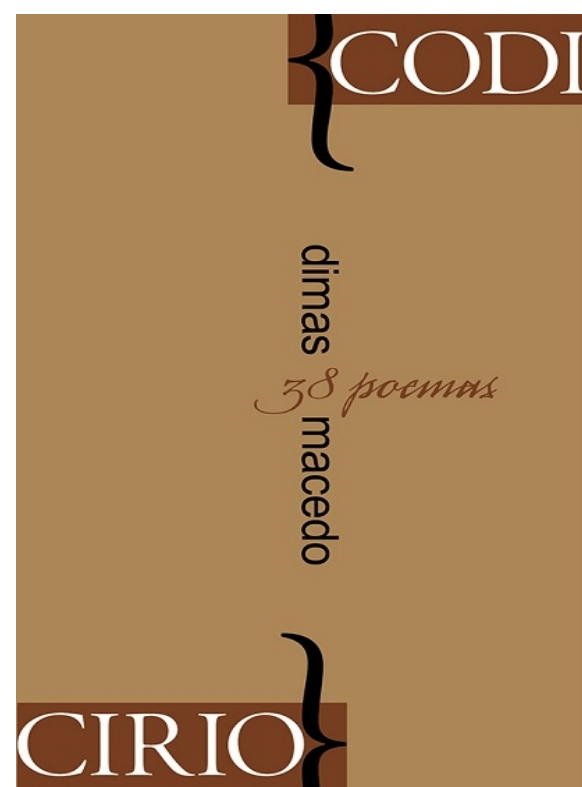
Outra vertente temática que tem acompanhado esse poeta conterrâneo é o erotismo. Há muitos "seios", "pelos", "colos" e "conchas" nos seus versos. Há sempre uma cavalgada no relevo sensual da mulher amada. É evidente que a culminância desse erotismo está no seu livro de 2009, que nos veio com o título de *O Rumor e a Concha*. É um erotismo que contamina esteticamente sua

obra inteira. Até as cidades e suas ruas, quando andadas, apresentam e trescalam o cheiro da sensualidade.

Como a linguagem é a casa do ser, não é de admirar que é nos seus recônditos que o poeta se recolhe e se transfigura. Parece que quanto mais se esconde nessas metáforas, mais se apresenta como poeta. O seu existencialismo vai, pois, de encontro às suas metáforas. O poeta e o jurista se digladiam esteticamente, pois a racionalidade do operador do direito nos seus pareceres bate de frente com as figurações que robustecem a poesia. Objetividade e subjetividade estão presentes no seu cotidiano.

Nesse novo livro, o poeta Dimas corre riscos ao trazer vários poemas de circunstâncias. Acontece que esses poemas não comprometem seu desempenho porque ele mostra contornos poéticos de várias cidades europeias. Ele deixa seus olhos e parte do coração em Havre. Em Dublin, ele se encandeia com "a face acesa de Joyce". "Berlim" se torna seu melhor poema por se apresentar como uma dama no cio, com quem ele se relaciona e termina por lhe enviar "um bilhete e mais um ramalhete de versos". É o poema em que o erotismo se apresenta mais latente.

São poemas que vêm vestidos a rigor, graças à parceria do autor com o estilista Geraldo Jesuíno, que preparou a roupagem da coletânea para a grande festa da leitura. *{Codicípio}* apresenta um Dimas Macedo cada vez mais multifacetado, investindo em várias frentes poéticas.



De Lavras a Veneza, as águas se dão as mãos para que o poeta navegue tranquilo no seu manifesto aquático. Esse seu novo itinerário, feito aquarela, cativa o leitor pela beleza da superfície e o instiga a mergulhar em busca de uma estrutura profunda possuidora de muito ainda a ser devassado.

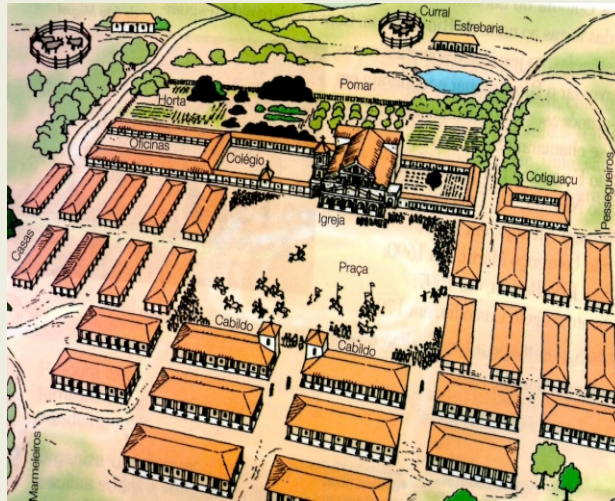
Batista de Lima
Poeta e ensaísta
Da Academia Cearense de Letras
Fortaleza - CE

Reduccionismo

Reduções - II

Ruy Nedel
Escritor

End.: Rua 7 de Setembro, 495 - Centro
CEP 97900-000 - Cerro Largo - RS



ção de equinos e bovinos fascinava-os. A escravidão ou semiescravidão pela *mita*, ou “encomenda”, era uma realidade desagregadora do “modo de ser guarani”. Cabia, portanto, afastarem-se do branco não padre e concentrar-se em regiões distantes do conquistador, enfim, adaptar-se aos novos tempos com uma réstia de esperança.

No entanto, a quase totalidade dos xamãs opunha-se radicalmente. Previam consequências funestas. Alardeavam que a redução servia para facilitar a preia e matanças de seu povo, o que de fato ocorreu por mais de trinta anos pela ação dos bandeirantes e também por epidemias. Reclamavam que a traição à memória ancestral aniquilaria o povo guarani; também levaria à escravidão.

Somente a partir da Batalha de Mbororé, em 1641, os jesuítas conseguiriam organizar efetivamente as Missões.

Reorganizaram as reduções fundando os Trinta Povos das Missões, desde o Paraguai ao Rio Grande do Sul. Em um século promoveram um desenvolvimento jamais visto na história da humanidade, em qualquer outro processo de aculturação.

Entretanto, a batuta daquela orquestra não estava nas mãos dos jesuítas. Eles eram somente os músicos e instrumentistas. A regência estava nas mãos dos Estados: Reinos e Vaticano!

Escreve o Pe. Bartolomeu Meliá, S.J., em 1981:

... a resistência ativa (dos guarani) contra os conquistadores revela vinte e três ações de levantes e rebeliões entre 1537 (fundação de Assunción) e 1609, em que se iniciam as reduções de jesuítas... Ao índio “encomendado” opõe-se o índio “reduzido”!... Hoje sabemos quanta ilusão havia nesta perspectiva. As reduções nunca deixariam de ser um produto de norma colonialista...

Autor da trilogia *Memoriando a História do Sul - Avaliação Crítica* (Os Jesuítas e as Missões / Revolução e Guerra dos Farrapos / O Imigrante).

AUTO POSTO SADI SAARA WILLIAM MALLMANN RIBAS NATÁ MALLMANN RIBAS

CONVENIÊNCIAS - TROCA DE ÓLEO - LAVAGEM
Centro - Roque Gonzales - (55) 3365.1040
autopostosadi@hotmail.com

VISA * MASTERCARD * REFEISUL * GOODCARD
BANRICOMPRAS * SICREDI * QUERO-QUERO

Lollita Modas
Inspirada em você

Rua Independência, 397
Centro - Roque Gonzales - RS
Tel.: (55) 98114-0421

Salão de Eventos

FOUNDAÇÃO
Dona Maria
333

RESERVAS: (55) 9.9901-3191 / 9.9702-4643

NECOPNEUS (55) 3365-1344 **GOODYEAR**

BELLONZOR PNEUS
Comercial de Pneus
Wendt Ltda

Rua Major Antonio Cardoso, 223 - Roque Gonzales - RS
Fone 3365-1344

ARIEL HOFFMANN
PROJETISTA

Projetos de Eng. Civil e Topografia

Rua Rui Barbosa - 365 - Centro - Roque Gonzales - RS
E-mail: der_lestat@hotmail.com / 88.h.ariel@gmail.com
Fone: (55) 9-8110-3076 ou (55) 9-8443-1293

SOLUÇÃO
Gráfica Editora

Cartões de Visita - Folders - Notas Fiscais
Calendários - Cartazes - Envelopes - Livros

Rua Santos Dumont, 696 - centro - Osório - RS
graficaosorio@brturbo.com.br
(51) 3663.6677

ANUNCIE NO JORNAL O NHEÇUANO E PRESTIGIE A NOSSA CULTURA.

E-mail: nhecuanos@yahoo.com.br Facebook.com/[nhecuanosguarani/](https://www.facebook.com/nhecuanosguarani/) Blog: <http://nhecuanos.blogspot.com>